

A VOCAÇÃO DA IGREJA DE CRISTO PARA O CUIDADO COM A CRIAÇÃO

Adriana Brito da Silva

Mestre em Ciência Ambiental pela Universidade de São Paulo (2000), possui Especialização em Economia Ambiental (UFPR) e também em Mudanças Globais e Desenvolvimento Sustentável (INPE), e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (1994). Trabalha no Ministério do Meio Ambiente (MMA), no Departamento de Clima (DCL) da Secretaria de Clima e Relações Internacionais (SCRI), com o tema de Adaptação à Mudança do Clima. Fez parte da equipe que coordenou a elaboração do Plano Nacional de Adaptação (PNA) à Mudança do Clima, coordenando o processo de elaboração da Estratégia Nacional de Desenvolvimento de Capacidades em Adaptação à Mudança do Clima, além de compor a equipe que elaborou a estratégia de adaptação da Zona Costeira Brasileira à Mudança do Clima. Atuou também como professora universitária por 12 anos, tendo sido Professora Substituta na Universidade Federal do Pará (UFPA); Professora Adjunta e coordenadora do curso de Bacharelado em Biologia no Centro Universitário do Pará (CESUPA); e Professor Titular no Instituto de Estudos Superiores da Amazônia. No período de docência universitária, adquiriu experiência não somente na área do ensino e orientação, mas também em gestão acadêmica. Área de atuação no ensino superior: Ecologia de Ecossistemas, Educação Ambiental, Meio Ambiente, Zona Costeira (manguezal); Legislação Ambiental e Mudança do Clima. Possui experiência transcultural, tendo trabalhado por 2 anos em projeto voluntário no oeste africano (língua francesa), no Senegal e no Níger, além também de projetos de curta duração na África do Sul.

Daniel da Cruz Moulié Corrêa

Especialização em Engenharia Ambiental pela Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro (2013), Bacharel em Química Plena pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2008), e Bacharel (livre) em Teologia no Seminário Teológico Batista Carioca (2015). Serve na Junta de Missões Mundiais desde 2016, coordenando a área de Segurança e Inteligência Missionária e responsável pelo Núcleo de Pesquisa - daniel.moulie@jmm.org.br

A VOCAÇÃO DA IGREJA DE CRISTO PARA O CUIDADO COM A CRIAÇÃO

Resumo

O processo de degradação do meio ambiente tem aumentado a cada ano. A sociedade tem se mobilizado para discutir ações contra a degradação ambiental. Compreender a vocação da igreja de Cristo de acordo com a teologia da criação é vital. A metodologia foi a pesquisa qualitativa a partir de referências bibliográficas de referência na temática ecológica. Deseja-se inspirar a igreja a cultivar e cuidar melhor da terra, e, ao assim fazê-los, viver-se-á de forma prática os ensinamentos de Jesus Cristo.

Palavras-Chave: Teologia. Ecologia. Vocação. Igreja.

Abstract

The process of environmental degradation has increased every year. Society has mobilized to discuss actions against environmental degradation. Understanding the vocation of the church of Christ according to the theology of creation is vital. The methodology was qualitative research based on bibliographic references in ecological and theological themes. It is hoped to inspire the church to better cultivate and care for the earth, and in so doing, to live the teachings of Jesus Christ in a practical way.

Keywords: Theology. Ecology. Vocation. Church.

Introdução

O Relatório de Brundtland definiu desenvolvimento sustentável como “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades”[1].

Segundo Vizeu, Meneghetti & Seifert (2012), “o conceito surge em razão do processo de degradação econômica, fragilidade política e destruição da natureza como tentativa de amenizar o gérmen do sistema de produção capitalista: exploração, destruição e alienação”. [2]

Refletindo sobre o Relatório de Brundtland após 30 anos, Japiassú & Guerra (2017) reescreve a definição de desenvolvimento sustentável, apresentando que,

“...a proteção do meio ambiente e o uso equitativo dos recursos naturais são necessários para que possam ser atendidas as necessidades das gerações presentes sem comprometer os direitos das gerações futuras, por meio de uma lógica de solidariedade entre as gerações.”[3]

Leonardo Boff (2010) afirma que a expressão “desenvolvimento sustentável” sofreu fortes críticas, desde o início, devido aos termos contraditórios: desenvolvimento e sustentabilidade. Não se limitando aos termos, o autor apresenta que o processo de crescimento é conflitante com o processo da sustentabilidade, e apresenta que a lógica intrínseca do processo de crescimento é a exploração irrestrita de todos os recursos naturais com os propósitos de: ampliar o capital, acelerar o dispêndio e amplificar a manufatura.[4]

[1] BRUNDTLAND, Gro Harlem; COMUM, **Nosso Futuro. Relatório Brundtland**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991. p. 46.

[2] VIZEU, Fabio; MENEGHETTI, Francis Kanashiro; SEIFERT, Rene Eugenio. **Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável**. Cadernos Ebape. br, v. 10, p. 569-583, 2012.

[3] JAPIASSÚ, Carlos Eduardo; GUERRA, Isabella Franco. **30 anos do relatório Brundtland: nosso futuro comum e o desenvolvimento sustentável como diretriz constitucional brasileira**. Revista de Direito da Cidade, v. 9, n. 4, p. 1884-1901, 2017. p. 1890.

[4] BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 22.

Segundo Leonardo Boff, “desenvolvimento e sustentabilidade representam lógicas opostas e contraditórias. São termos que se repugnam. A expressão desenvolvimento sustentável como proposta global para sairmos da crise mundial é um engodo.”[5]

É possível existir a preservação do meio ambiente, tendo como princípio o uso racional dos recursos naturais dando a capacidade do ecossistema de se regenerar?

Em 1992, na ECO-92, a Carta da Terra começou a ser discutida e escrita, terminando sua redação em 2000, em Paris, e nela são apresentados princípios de respeitar e cuidar da comunidade de vida, integridade ecológica, justiça social e econômica, e, democracia, não violência e paz.[6] Segundo Leonardo Boff (2010), a Carta da Terra é um documento que posiciona a Terra, a vida e a humanidade no cerne das preocupações políticas, econômicas e espirituais.[7]

“A Carta da Terra é uma declaração de princípios fundamentais para a construção de uma sociedade global no Século XXI, que seja justa, sustentável e pacífica. A mesma procura inspirar em todos os povos um novo sentido de interdependência e de responsabilidade compartilhada para o bem-estar da família humana e do mundo em geral. É uma expressão de esperança e um chamado a contribuir para a criação de uma sociedade global no âmbito de uma conjuntura histórico-crítica. A visão ética inclusiva do documento reconhece que a proteção ambiental, os direitos humanos, o desenvolvimento humano equitativo e a paz, são interdependentes e indivisíveis. Isto fornece um novo marco com relação à maneira de pensar sobre estes temas e de como abordá-los. O resultado também inclui um conceito mais amplo sobre o que é o desenvolvimento sustentável.”[8]

[5] BOFF, 2010, p. 22.

[6] DA TERRA, Carta. **A carta da Terra. Eco-92. Rio de Janeiro: Comissão Carta da Terra**, 2000. p. 2-3.

[7] BOFF, 2010, p. 27.

[8] DA TERRA, 2000. p. 1.

Segundo Leonardo Boff (2009), a Carta da Terra foi escrita com a finalidade de “enfrentar a crise ecológica global para reforçar o lado promissor da existência que contém a esperança de que outra Terra é possível.”[9]

Vocação e o cuidado da criação

Leonardo Boff, em seu livro “Ecologia, Mundialização, Espiritualidade”, reflete a corresponsabilidade do cristianismo com a crise ecológica. O autor afirma que “o ser humano é o representante de Deus na criação e aquele que prolonga a obra criadora de Deus. Deus criou o ser humano criador[10]. Será que o aquecimento global e a mudança do clima não deveriam ser vistos como algo em que a igreja de Cristo também possui responsabilidade? Diante disto, qual seria a inclinação da igreja frente aos desafios ecológicos globais?

A humanidade, muitas vezes, encara a preservação ambiental como irrelevante frente aos problemas humanos, que, para alguns, é muito mais crítico do que se preocupar com o meio ambiente. Uma questão importante para essa problemática é a falta do ensino sobre a criação, que está profundamente conectada com o caráter de Deus. O ensino da criação tem relação com o mundo e toda a experiência humana, entretanto, o ensino da criação se torna incompleto. Assim sendo, é necessário o ensino da redenção, cuja relação é com a igreja e a nova criação, abrangendo o convite para participar do Reino de Deus.[11]

Segundo Leonardo Boff (2013), o cuidado é a direção mais apropriada para perceber as divisões e tensões quando apontar alguma crise, propiciando o consenso e buscando a harmonia.[12] De igual modo, o autor reafirma que,

[9] BOFF, Leonardo. **A opção-Terra: a solução para a Terra não cai do céu**. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 184.

[10] BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record. 2008. p. 59.

[11] HARRIS, Peter. **A Rocha: uma comunidade evangélica luta pela preservação do meio ambiente**. São Paulo: ABU Editora, 2001. p. 50-52.

[12] BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética, e na espiritualidade**. 2ª Edição - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 26.

“O cuidado é exigido em praticamente todas as esferas da existência, desde o cuidado do corpo, dos alimentos, da vida intelectual e espiritual, da condução geral da vida até ao se atravessar uma rua movimentada. Como já observava o poeta romano Horácio, o cuidado é aquela sombra que sempre nos acompanha e nunca nos abandona porque somos feitos a partir dele.”[13]

Milton Schwantes, em seu livro “Deus vê, Deus ouve!”, comenta a relação da terra em Gênesis. O autor dá ênfase de conteúdo, primeiro, na questão da família, segundo, na temática da contribuição à paz, e, por fim, na temática da terra, destacando que a terra é promessa. “As terras são de promessa, mas, nelas, faz-se necessário aprender a conviver com quem lá está estabelecido. A terra é dádiva na medida em que é negociada, na medida em que nela há espaço para todas e todos.”[14] Em Gênesis 1.26-28 é possível ver dois verbos que foram assumidos literalmente: dominar e subjugar. Esses dois verbos dão sustentação para o consumo desenfreado e exploração irrestrita de todos os recursos naturais, tendo seu sentido literal predominado no seio da igreja de Cristo. Entretanto, Leonardo Boff (2008) afirma que esses verbos se aplicam no sentido de “administrar uma herança recebida do Pai e cuidar dela.”[15]

Em Gênesis 2.15, diz que, “o Senhor colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo”. Bomtempo (org.) reflete que o conceito usado para desenvolvimento sustentável nada mais é do que uma aplicação de Gênesis 2.15 que sintetiza a finalidade de todos os seres humanos. A mesma discute que “cultivar” e “cuidar” pode ser entendido como um modo de desenvolvimento e compreendido como um ato de zelo ambiental, respectivamente. De igual modo, Bomtempo (org.) afirma que Jesus estimula que todos se adaptem de forma prática o viver diário, não se limitando a palavras, mas de acordo com os propósitos de Deus para todos.[16]

[13] Ibid., p. 27.

[14] SCHWANTES, Milton. **Gênesis 12-25. Deus vê – Deus ouve**. São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 24-25.

[15] BOFF, 2008, p. 60.

[16] BONTEMPO, Gínia César. **Assim na terra como no céu: experiências socioambientais na igreja local**. Viçosa: Ultimato, 2011. p. 48.

A relação de Jesus com a terra é inspiradora e demonstra que Jesus não veio somente para salvar a humanidade; mas, também veio para redimir a terra. A atitude de Cristo em relação à terra molda a perspectiva daqueles que praticam os ensinamentos de Jesus. As bases teológicas para o desenvolvimento sustentável não se limita ao Antigo Testamento, mas é possível identificá-las nos relatos de Jesus nos Evangelhos. Jesus Cristo é o único caminho para que a terra seja capaz de ser liberta da maldição do pecado. Como resultado do pecado de Adão, a terra foi amaldiçoada e somente Jesus é o caminho para o perdão, a cura e a restauração de todos.[17]

A essência da queda foi o desejo arrogante do homem de ter autonomia, uma rebelião contra a autoridade e a benevolência do Criador. A devastação causada por esta tentativa de inversão de status e a maldição que atraiu, afetaram não apenas o relacionamento espiritual do homem com Deus e os seus relacionamentos pessoais e sociais, como também com todo o seu ambiente material e econômico. Assim, em vez de acesso compartilhado e uma mordomia responsável para com os recursos da terra, a terra e os recursos tornaram-se a maior causa primária de lutas e guerras entre os homens.[18]

Segundo Moltmann, Cristo tem a função de mediador da criação. “Cristo como fundamento da criação de todas as coisas (*creatio originalis*); Cristo como força motora da evolução da criação (*creatio continua*); e Cristo como Redentor de todo o processo da criação (*creatio nova*).”[19]

“Com isso, na verdade, apenas estamos retomando a doutrina veteroprotestante do triplo *officium regium Christi* e a desdobramos dentro dos modernos conhecimentos: Cristo reina no *regnum naturae*, no *regnum gratiae* e no *regnum glorie*. Com essa visão integral podem ser evitadas aquelas unilateralidades que oneraram a cristologia cósmica até agora.

[17] JONES, James. **Jesus e a Terra - a ética ambiental nos evangelhos**. Viçosa: Ultimato 2008. p. 21-27.

[18] WRIGHT, Christopher J.H. **Povo Terra e Deus - a relevância da ética do Antigo Testamento**. 1ª Edição, São Paulo: ABU Editora, 1991. p. 75.

[19] MOLTMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas**. Santo André: Ed. Academia Cristã, 2009. p. 424.

Quando se fala apenas de Cristo, o fundamento da criação, então esse mundo muitas vezes tão caótico é transfigurado, de forma ilusória, em harmonia e pátria. Quando se fala somente de Cristo, o “Evolutor”, então o próprio processo ficam definitivamente esquecidas. E por fim, quando se tem em vista apenas o Cristo vindouro, que deverá redimir o mundo, então se vê apenas este mundo necessitado de redenção, e nada da bondade do Criador e das marcas de sua beleza em todas as coisas.”[20]

Michael W. Goheen (2016) afirma que “o enredo principal da Bíblia é a narrativa de como Deus restaura uma criação que tinha sido desfigurada pelo pecado: em primeiro lugar vem a Criação seguida pela Queda, e depois disso vem a restauração.”[21] Em toda a Bíblia, o Deus Criador e Sustentador de todas as coisas convida a humanidade para um relacionamento pessoal e, convida, também, para que todos, através de suas responsabilidades individuais, possam contribuir para o avanço do Seu Reino. O primeiro convite de Deus é à salvação, que todo cristão deve responder, e o segundo convite é à vocação, que é para todo cristão. Todos as pessoas, em Cristo, são convidadas à expansão do Reino de Deus, levando verdade, justiça e beleza através da fé e vocação. O convite de Deus aos cristãos é um convite que indica para Cristo e é um convite para que todo cristão seja luz do Reino de Deus no mundo.[22]

David Bosch (2002) apresenta que “a missão não é primordialmente uma atividade da igreja, mas um atributo de Deus. Deus é um Deus missionário.”[23] Peter Harris apresenta, também, que “missão não se define por nenhuma atividade em particular, mas pela intenção clara de viver o que significa o Reino de Deus...isto significa que não existe uma classe profissional de missionários...a missão é coisa de todos os cristãos...”[24]

[20] Ibid., p. 424-425.

[21] GOHEEN, Michael W. **Introdução à cosmovisão cristã - vivendo na interseção entre a visão bíblica e a contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 62.

[22] MILLER, Darrow L. **Vocação - escreva sua assinatura no universo**. 1ª edição, Curitiba: Publicações Transforma, 2012. p. 153-154.

[23] BOSCH, David. J. **Missão transformadora - mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002. p.468.

[24] HARRIS, 2001, p. 121.

“A ecologia...nos facilita entender o conceito teológico da criação...A reflexão cristã dominante não aprofundou muito o mistério da criação. Por razões históricas e institucionais, se concentrou muito mais no mistério da redenção. Mas sempre houve também uma vertente forte que soube articular melhor a criação com a redenção, como a herança de São Francisco...”[25]

Considerações finais

James Jones (2008) afirma que,

“O único caminho pelo qual a terra pode ser liberta de sua maldição é o perdão, a cura e a restauração da descendência de Adão. Não são apenas os teólogos cristãos, muçulmanos e judeus que concordariam com este ponto de vista. Muitos ambientalistas, ativistas e lobistas poderiam testificar que a integridade da terra e o futuro do planeta dependem do arrependimento e da restauração da integridade da família humana.”[26]

Leonardo Boff (2013) afirma que “o cuidado está ligado a questões vitais que podem significar a destruição do nosso futuro ou a manutenção da nossa vida sobre este pequeno e belo planeta.”[27] Bomtempo (org.) reforça que “a mordomia do meio ambiente é parte do evangelho integral e da missão de Deus no mundo...”[28]

Entender o convite de Deus é primordial para o progresso de uma teologia bíblica da vocação. O convite de Deus não é separado, dividido ou fracionado, mas engloba todo o ser e contexto. Infelizmente a igreja anuncia o convite de Deus somente para a salvação da alma à eternidade. O convite de Deus para todos é o envolvimento por completo e em todos os seus relacionamentos, incluindo o relacionamento de todo cristão com Ele, com seu próximo e com a criação.[29]

[25] BOFF, 2008, p.61.

[26] JONES, 2008, p. 27.

[27] BOFF, 2013. p. 39

[28] BONTEMPO, 2011, p.66.

[29] MILLER, 2012, p. 154-155.

David Bosch (2002) diz que “participar da missão é participar do movimento de amor de Deus pra com as pessoas, visto que Deus é uma fonte de amor que envia.”[30] Peter Harris (2001) afirma que “missão é todo o evangelho, porque o evangelho nunca foi somente palavras acerca da salvação...os discípulos de Jesus precisam viver essa vida...só assim a missão irá abranger o todo da experiência humana.”[31] Quem sabe ao se refletir sobre a importância da criação para Deus, não seria possível contribuir para que o próximo entendesse e acentuasse o cuidado com a terra?[32] A missão da igreja cristã é abrir os olhos da humanidade e levantar a voz em socorro das prerrogativas da própria criação quanto ao cuidado.[33]

“Precaução, cuidado e responsabilidade quanto ao uso dos recursos não-renováveis da terra são atitudes que definitivamente precisam ser incorporadas ao cristão no século 21. Cuidar é mais do que um ato. É uma atitude de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. Sem o cuidado, o ser humano deixa de ser humano. Colocar cuidado em tudo o que faz ou imagina é característica humana essencial e singular. E isso vale tanto para a esfera humana quanto na relação com o meio ambiente e o próprio cosmo. Para que o futuro seja diferente do que hoje está projetado nas estatísticas e no desdobramento do que já aconteceu e está planejado, é urgente assumir este no ethos do cuidado...”[34]

Frente ao desafio global que se apresenta à humanidade, em particular pela certificação do aquecimento global e pela mudança do clima, é extremamente necessário formar uma aliança global para cuidar da Terra.[35] É preciso rever concepções do passado, atualizar antigas visões, projetar outras e buscar novas respostas que afligem a humanidade e estimulam a igreja de Cristo para os desafios ecológicos. Deseja-se que esse artigo possa inspirar a igreja de Cristo a cultivar e cuidar melhor da terra, e, assim fazendo, viverá de forma prática os ensinamentos de Jesus Cristo.

[30] BOSCH, 2002, p. 468.

[31] HARRIS, 2001, p. 120.

[32] Ibid., p. 52.

[33] ZWETSCH, Roberto Ervino. **Ecologia e espiritualidade: uma reflexão missiológica**. Estudos Teológicos. V.48 n.1, p. 64-82, 2008. p.69

[34] Ibid., p.69

[35] BOFF, 2009, p.198.

Referências

- BOFF, Leonardo. **A opção-Terra: a solução para a Terra não cai do céu**. Rio de Janeiro: Record, 2009. p.222.
- BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2010. p.330.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record. 2008. p.235.
- BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética, e na espiritualidade**. 2ª Edição – Petrópolis: Vozes, 2013. p.287.
- BONTEMPO, Gínia César. **Assim na terra como no céu: experiências socioambientais na igreja local** / Gínia César Bontempo, org. Viçosa: Ultimato, 2011. p.152.
- BOSCH, David. J. **Missão transformadora – mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002. p.690.
- BRUNDTLAND, Gro Harlem; COMUM, Nosso Futuro. **Relatório Brundtland**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- DA TERRA, Carta. **A carta da Terra**. Eco-92. Rio de Janeiro: Comissão Carta da Terra, 2000.
- ESTENDER, Antonio Carlos; PITTA, Tercia de Tasso Moreira. **O conceito do desenvolvimento sustentável**. Revista Terceiro Setor & Gestão de Anais-UNG-Ser, v. 2, n. 1, p. 22-28, 2008.

GOHEEN, Michael W. **Introdução à cosmovisão cristã – vivendo na interseção entre a visão bíblica e a contemporânea.** São Paulo: Vida Nova, 2016. p.272.

HARRIS, Peter. **A Rocha: uma comunidade evangélica luta pela preservação do meio ambiente.** São Paulo: ABU Editora, 2001. p. 205.

JAPIASSÚ, Carlos Eduardo; GUERRA, Isabella Franco. **30 anos do relatório Brundtland: nosso futuro comum e o desenvolvimento sustentável como diretriz constitucional brasileira.** Revista de Direito da Cidade, v. 9, n. 4, p. 1884-1901, 2017.

JONES, James. **Jesus e a Terra – a ética ambiental nos evangelhos.** Viçosa: Ultimato, 2008. p.128.

MILLER, Darrow L. **Vocação – escreva sua assinatura no universo.** 1ª edição, Curitiba: Publicações Transforma, 2012.

MOLTMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas.** Santo André: Ed. Academia Cristã, 2009. p.512.

SCHWANTES, Milton. **Gênesis 12-25. Deus vê – Deus ouve.** São Leopoldo: Oikos, 2009. p.280.

VIZEU, Fabio; MENEGHETTI, Francis Kanashiro; SEIFERT, Rene Eugenio. **Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável.** Cadernos Ebape. br, v. 10, p. 569-583, 2012.

WRIGHT, Christopher J.H. **Povo Terra e Deus – a relevância da ética do Antigo Testamento.** 1ª Edição, São Paulo: ABU Editora, 1991. p.231.

ZWETSCH, Roberto Ervino. **Ecologia e espiritualidade: uma reflexão missiológica.** Estudos Teológicos. V.48 n.1, p. 64-82, 2008.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022